

*“E chamou Yhwh a Moisés”:
Aspectos Literários do Livro de Levítico na Torá*

*And Yhwh Called to Moses”:
Literary Aspects of The Book of Leviticus in The Torah*

Resumo

O livro de Levítico é composto por vários conjuntos de leis acerca do culto, sacerdócio, pureza e impureza, bem como prescrições sobre aspectos da vida em sociedade. Todo este conjunto legal está inserido entre as narrativas do livro de Êxodo e Números. Considerando a composição final do livro de Levítico, o presente artigo objetiva apresentar uma discussão acerca dos aspectos literários deste livro, analisando a importância da localização do livro de Levítico dentro da Torá, e, por conseguinte, analisar a linguagem utilizada pelos escritores e redatores bíblicos, bem como a estrutura do livro, a qual é organizada justamente pela linguagem e seus conteúdos. Tais discussões são fundamentais para o estudo do livro de Levítico em sua totalidade e perícopes selecionadas.

Palavras-chave: Levítico; literatura; linguagem sacerdotal; santidade; pureza.

Abstract

The book of Leviticus is composed of several sets of laws about worship, priesthood, purity and impurity, as well as prescriptions about aspects of life in society. This entire set of laws is inserted between the narratives of the book of Exodus and Numbers. Considering the final composition of the book of Leviticus, this article aims to present a discussion about the literary aspects of this book, analyzing the importance of the location of the book of Leviticus within the Torah, and therefore analyzing the language used by the biblical writers and editors, as well as the structure of the book, which is organized precisely by language and its contents. These discussions are fundamental to the study of the book of Leviticus as a whole and selected pericope.

Key-words: Leviticus; literature; priestly language; holiness; purity.

¹ Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora de Teologia na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Membro do Grupo de Pesquisa Arqueologia do Antigo Oriente (PUC-PR). Associada ABIB.

Introdução

O terceiro livro da Torá, denominado de *Wayiqrā'* (ar"q.YIw:) na Bíblia Hebraica, cuja tradução é "*E chamou*", apresenta um conjunto de prescrições acerca do sacerdócio, orientações litúrgicas, leis de pureza e impureza, bem como leis sobre aspectos da vida em sociedade. Inclusive, por conta das prescrições sacerdotais, seu nome na Septuaginta *Leuitikon*, o qual foi traduzido para o latim, *Leviticus*, tornando-se o nome do livro no Antigo Testamento da Bíblia Cristã.

O livro de Levítico, assim como outros livros da Torá, teve um processo de redação, porém, este processo não é feito aleatoriamente, mas, como afirma Konrad Schmid (2013, p. 73), é um processo textualmente produtivo de recepção e interpretação intrabíblicas de material textual existente. Em suas palavras,

Nos escritos do Antigo Testamento, em regra, texto e comentário aparecem unificados, e só depois da conclusão do Cânon a interpretação passa a figurar ao lado do texto. A história da redação pode, portanto, ser descrita como história da recepção intrabíblica, cuja reconstrução pode fazer novamente aflorar as situações de discurso teológico intrabíblico em suas diferenciações históricas. Assim, a abordagem histórico-literária não faz nenhuma pergunta estranha aos livros, antes revela uma estrutura profunda que garante a íntima coerência deles (SCHMID, 2013, p. 73).

Neste sentido, considerando a importância desta redação e recepção intrabíblica do livro de Levítico, mas também de toda Torá, nosso ponto de análise será o texto em sua composição final, porém, considerando todo o processo para chegar ao final deste texto. Neste artigo, portanto, discutiremos os aspectos literários do livro de Levítico a partir de sua composição final. Para entender o processo de composição do livro de Levítico, e os grupos que o escreveram, veja o artigo "A composição da Torá sacerdotal sadoquita: a centralidade de Levítico" de Rogério Lima de Moura, neste mesmo número da RIBLA.

Sendo assim, para analisarmos os aspectos literários, primeiro faz-se necessário uma discussão da importância da localização do livro de Levítico dentro da Torá, para que então, se possa analisar a linguagem utilizada pelos escritores e redatores bíblicos, bem como a estrutura do livro, a qual é organizada justamente pela linguagem e seus conteúdos. Estas discussões são imprescindíveis para o estudo do livro de Levítico em sua totalidade e perícopes selecionadas.

1. Levítico na Torá

Ao lermos narrativamente a Torá observamos que o livro de Levítico se inicia após a construção da "habitação da tenda da reunião" (d[eAm lh,ao !K;v.me), relatada em Êx 40. Seu encerramento se dá com a afirmação de que todo o conteúdo do livro é mandamento que YHWH ordenou a Moisés para os

filhos de Israel, no monte Sinai (Lv 27,34). Na sequência, Números inicia com a narrativa sobre a ordem divina para que Moisés faça o ressenseamento, ainda localizado no Sinai (Nm 1,1-46). Aliás, os acontecimentos narrados no Sinai se estende até Nm 10,10.

Embora seja uma narrativa contínua, em termos de leitura sincrônica, localizada no Sinai, há distinções na perícopes do Sinai. Christopher Smith (1996, p. 19) destaca a mudança da fórmula de “YHWH falou a Moisés”, que introduz as leis na perícopes do Sinai, para “YHWH convocou a Moisés e falou com ele da habitação da tenda da reunião” (Lv 1,1) e “YHWH falou a Moisés no deserto do Sinai, na habitação da tenda da reunião” (Nm 1,1) no início de Números. Para o autor, estas mudanças nas fórmulas são indicadores estruturais inseridos pelo redator final da Torá para que se reconhecesse o livro de Levítico como uma unidade literária.

Este é o pressuposto do nosso artigo: Levítico como unidade literária. Assim, ao observarmos narrativamente o livro, notamos que todo o seu conteúdo se passa no Sinai, entrelaçando narrativa e lei. Segundo Davi Damrosch (1997, p. 80), do ponto de vista literário, o livro de Levítico não apenas estabelece a lei dentro de um contexto narrativo, mas subordina a narrativa a uma ordem simbólica mais ampla, mostrando como foi possível para os escritores sacerdotais entremear lei e narrativa em um terreno comum composto de elementos rituais, simbólicos e proféticos.

Esta localização das leis sacerdotais, cúlticas e sociais no Sinai, segundo Davi Damrosch (1997, p. 90) funciona tanto como conferência de autoridade para as leis, como também um lugar teológico. Para o autor, o Levítico entende o deserto como a lacuna necessária, entre culturas e entre história e futuro, no qual o povo pode receber a ordem simbólica redentora da Lei (Lv 18,1-4).

Ademais, esta autoridade dada às leis, não está apenas ligada ao local, mas a quem YHWH as entregou, Moisés. É indissociável a legitimação da autoridade mosaica do livro de Levítico, seja por sua inserção no Sinai, como o próprio início do livro que revela que YHWH convocou a Moisés para receber as prescrições.

Em toda a Bíblia Hebraica, Moisés é o legislador. Isto porque, no período persa, não há monarquia, e os intelectuais judaítas que editaram o Pentateuco e Profetas Anteriores aceitaram o governo persa, bem como eram contra a restauração da monarquia judaíta (até porque o contexto histórico não proporcionava esta possibilidade). Assim, eles transferiram a prerrogativa real da legislação a Moisés, fortalecendo a identidade de um judaísmo que poderia existir como religião sem-terra e sem Estado (Romer, 2016, p. 90).

Moisés, portanto, enquanto figura identitária, é uma figura de memória. De acordo com Rogério Moura (2024, p. 83), esta figura de memória funciona como legitimadora dos interesses políticos dos sacerdotes, mais especificamente, dos sadoquitas, uma vez que Moisés é um personagem que reúne as caracte-

rísticas legitimadoras dos sadoquitas. Deste modo, as ações narradas de Moisés narradas no passado, são atualizadas e rememoradas no presente a partir dos interesses sadoquitas.

Entretanto, não é apenas Moisés que ganha destaque no Levítico, especialmente dos capítulos 1-10. Em Lv 9.23, Arão é mencionado entrando na “habitação da tenda da reunião” junto com Moisés, e em sua saída, ambos abençoaram o povo. Aqui, não apenas reconhece a autoridade de Arão, mas a coloca junto a Moisés. Segundo Rogério Lima de Moura (2024, p. 59), Arão, aparece como personagem de autoridade em textos tardios como do relato sacerdotal, Esdras, Neemias e Crônicas, associado à linhagem sadoquita. Assim, para o autor, esta junção entre sadoquitas e aronitas se inicia a partir do séc. IV AEC (Moura, 2024, p. 66). Assim, nesta redação final do livro do Levítico, ambas as figuras são apresentadas como personagens de autoridades, referendando o sacerdócio sadoquita do segundo templo.

Isto posto, vamos à análise da linguagem sacerdotal empregada pelos escritores e redatores bíblicos.

2. Linguagem sacerdotal

O livro de Levítico faz parte do escrito sacerdotal. Este escrito não é apenas um estilo de escrita, mas é também, conceitualmente, o fundamento da Torá. Segundo Konrad Schmid (2013, p. 188), o escrito sacerdotal foi o primeiro vinculou as narrativas dos patriarcas às de Moisés/Êxodo, então se deve a ele uma das mais importantes sínteses histórico-literárias do Antigo Testamento. Ademais, o autor afirma que o escrito sacerdotal não surgiu como uma reescrita continuadora do material textual já existente, mas primeiramente como fonte escrita própria.

Por fazer parte do escrito sacerdotal, é nítida a linguagem sacerdotal empregada em todo o livro de Levítico, seja pelo conteúdo das prescrições para sacerdotes, levitas e oficiais cúlticos, ou pelo viés religioso contido nas leis para o povo, inclusive aquelas que não estão diretamente ligadas às ofertas e sacrifícios.

Uma das características da linguagem é a dominação da voz divina no livro de Levítico. Entendemos que o livro de Levítico legitima o sacerdócio, o uso da voz divina é um dos meios para isso. Diferente dos outros livros do Pentateuco em que há inúmeras passagens narrando YHWH encarregando Moisés de dizer ao povo os seus múltiplos mandamentos, e descrevendo narrativamente este processo, o livro de Levítico traz apenas a menção direta “Disse YHWH a Moisés para dizer” (cf. Lv 4,1). Segundo Reinhard Müller (2015, pp. 70-71), esta fórmula de escrita ressalta que a própria mensagem de Levítico é divina, assim, a congregação ouve diretamente a voz divina quando os mandamentos são lidos entre seus membros. Este é o intuito da escrita, divinizar a lei. O que,

por um lado, legitima o sacerdócio, representantes e guardadores desta lei, por outro, por ser lei divina, não se questiona. Aliás, esta é uma das problemáticas contemporâneas dos estudos bíblicos, especialmente em relação ao livro de Levítico.

Esta fala divina direcionada à congregação é reforçada nos capítulos que abrangem o Código de Santidade (Lv 17-26). Reinhard Müller (2015, p. 71) destaca este recurso estilístico, especialmente através da fórmula “Eu [sou] YHWH” (hw”hy> ynIa]). Para o autor, esta fórmula é um dispositivo retórico incorporado em uma composição literária. Ela serve como um lembrete repetido de que a voz divina é imediatamente audível nas palavras desse texto. Essa função pragmática pode indicar que esse texto escrito foi composto para a proclamação oral dos mandamentos divinos. Ademais, a fórmula também é uma chave para a teologia da santidade contida em todo o Código de Santidade. Segundo o autor, a fórmula contém a noção de que YYHW, ao declarar seus mandamentos por meio da voz dos sacerdotes, está constantemente santificando seu povo. É a voz de YHWH que se torna audível dentro do discurso humano, pelo qual ele, constantemente, santifica o povo.

Além das fórmulas indicativas da voz divina na narrativa e a temática da santidade, a qual nós abordaremos um pouco mais na seção seguinte, observamos outras duas temáticas características na linguagem do livro de Levítico: a questão da pureza *versus* impureza, e as prescrições específicas de ofertas e sacrifícios.

Iniciemos pelas prescrições de ofertas e sacrifícios. Para além das recomendações sacerdotais, há uma série de leis que regulamentam os diversos tipos de ofertas, em especial nos capítulos 1-7. Aliás, o final do capítulo 7 encerra este conjunto de leis dizendo:

Esta é a lei para a oferta queimada, para a oferta de grão, para oferta pelo pecado, para oferta pela culpa, para as consagrações, para sacrifício de ofertas pacíficas que ordenou YHWH a Moisés na montanha do Sinai, no dia em que ordenou aos filhos de Israel para oferecer as ofertas a YHWH no deserto do Sinai. (Lv 7,37-38).

Observam-se uma síntese dos diversos tipos de ofertas, as quais foram especificadas neste bloco dos capítulos 1-7, todas legitimadas na figura de Moisés, como aquele que recebeu diretamente as leis divinas no monte Sinai.

E, nestas prescrições também o tema da pureza *versus* impureza está presente, porém, a temática extrapola o campo semântico das ofertas e sacrifícios, mas abrange também o campo semântico relacionado à vida cotidiana das pessoas. Nas prescrições sobre alimentação, por exemplo, há regulamentações sobre a comida pura e impura. Em Lv 11,34 menciona que todo alimento preparado com água se torna impuro (amj).

A raiz verbal amj (*tm*”) tem por significado básico “ser impuro”, e sua maior ocorrência encontra-se em textos do período do exílio e pós-exílio de Je-

rusalém, sendo 85 vezes em Levítico, 23 em Números e 30 em Ezequiel (Jenni; Westermann, 1985, p. 919), que é quando a questão puro/impuro torna-se importante no cenário religioso. As normas sobre a contaminação e a sacralidade são significativas no período do pós-exílio de Jerusalém, principalmente porque estes critérios de pureza, normas de exclusão e punição, são ferramentas de controle da comunidade, e quem as domina são os sacerdotes (Liverani, 2008, pp. 430-431). Deste modo, a linguagem utilizada no livro de Levítico reitera o poder sacerdotal sadoquita, no segundo templo. Puro/impuro são critérios de controle, e controle dos corpos.

Inclusive, a questão do corpo, seja animal ou humano, está diretamente relacionada com a questão de pureza/impureza. Mary Douglas (2019, p. 59) ressalta que uma das técnicas retóricas utilizadas pelo escrito sacerdotal é a analogia. No entanto, as analogias no livro do Levítico são complicadas, especialmente se pensarmos na recepção destes textos em nossos dias. Para a autora, o Levítico traz o corpo como paradigma. Em suas palavras,

O corpo vivo é seu paradigma. No espaço do corpo animal ele encontra analogias com o Tabernáculo e a história da revelação de Deus a Israel. Quando ele fala sobre virtude, honestidade e justiça, usa simples exemplos de mensuração “não cometerás injustiça no julgamento, na medida de tamanho ou peso ou quantidade. Balanças justas, pesos justos” (Lv 19,35s). O corpo também é tratado como medida da justiça. Somente o corpo perfeito é adequado para ser consagrado, nenhum animal com defeito deve ser sacrificado, nenhum sacerdote com o corpo impuro deve se aproximar do altar, “um homem cego ou coxo, ou que tenha a face mutilada ou um membro muito longo, ou um homem que tenha pé lesionado ou mão lesionada, ou um corcunda, ou um anão...” (Lv 21,16-20). Levítico torna o defeito físico correspondente ao julgamento defeituoso, os pratos que medem o peso, o comprimento ou a quantidade no mercado evocam os pratos da balança do julgamento divino (Douglas, 2019, p. 59).

Neste sentido, é indispensável a problematização de uma leitura do livro de Levítico para os nossos dias. Como fazer a atualização hermenêutica do paradigma do corpo perfeito, ou, na linguagem de Levítico, puro? Entender os aspectos literários, sociológicos e ideológicos de Levítico é fundamental para não fazermos leituras literalistas que subjugam corpos dissidentes.

3. Estrutura do Livro

A partir da linguagem utilizada e os conteúdos apresentados pelo livro de Levítico, é que se discute a sua estrutura literária. Não há um consenso na pesquisa bíblica sobre a divisão dos blocos literários do livro de Levítico. O único consenso na pesquisa da estrutura do livro é o código de Santidade (Lv 17-26), com exceção de Moshe Kline, o qual observaremos no decorrer desta seção.

O código de Santidade, embora seja uma unidade literária em consenso, há discussões sobre sua origem. Há defesa de que seja um código autônomo, anterior a Levítico. No entanto, para Thomas Römer (2016, p. 101), a lei de santidade provavelmente nunca existiu como uma coletânea independente, mas foi criada para concluir o material do Escrito Sacerdotal em Lv 1-16, e estabelecer um meio-termo entre uma interpretação do código deuteronomista e a legislação sacerdotal. Isso explica por que não existe uma introdução claramente marcada. Simplesmente o início é marcado por “YHWH falou a Moisés: Fala a Aarão, a seus filhos e a todos os israelitas” (Lv 17,1-2a). Esta introdução continua no formato das instruções sacerdotais precedentes (cf. Lv 15,1).

Nesta mesma perspectiva, Konrad Schmid defende que em Lv 17-26,

[...] pode-se observar uma conciliação entre a legislação deuteronomista e o Escrito Sacerdotal. Porém, não pode ser reconhecido com clareza que nesse processo se tenha destacado o horizonte redacional do Pentateuco. Isso é especialmente perceptível na parte de bênção da Lei de Santidade em Lv 26, pois acolhe afirmações do Escrito Sacerdotal, especialmente 26,9.11-13, como Gn 17, Êx 6,2-8 e 29,45s, afirmações centrais de promessa, condicionando-as pelo fato de agora estarem na parte final sobre bênção /maldição da Lei de Santidade, introduzida por “se vos conduzirdes segundo as minhas leis, se guardades meus mandamentos e os praticardes” (Lv 26,3), seu cumprimento, portanto, não é mais prometido incondicionalmente, mas depende da obediência à lei, o que se iguala a certa “deuteronomização” da teologia do Escrito Sacerdotal (Schmid, 2013, pp. 220-221).

Neste sentido, o autor argumenta que a lei da santidade reformula a unilateralidade da teologia do Escrito Sacerdotal em sentido deuteronomista. Isto é, as mensagens salvíficas não são prescrições divinas diretas, mas são mediadas pela teologia da Lei. Isto faz sentido no período no qual o livro foi escrito, no qual o sacerdócio exerce o poder. Assim, é notório que a Lei da Santidade ancora a função de sumo sacerdote explicitamente na Torá (cf. Lv 17,16-26) (Schmid, 2013, p. 221).

Isto posto, compreendo que o código de Santidade faz parte da escrita redacional do livro de Levítico, e não uma fonte pré-existente, vamos à discussão da estrutura do livro.

Moshe Kline propõe conjuntos concêntricos de três unidades, com o capítulo 19 no centro. Cada conjunto tem um elemento organizador comum, sendo o conjunto mais externo orientado para o lugar, o conjunto do meio orientado para o tempo, o conjunto interno orientado para a pessoa, e o centro, a santidade. Observe o esquema da estrutura proposta pelo autor (Kline, 2006, pp. 15-18):

- *Unidade tríade A: O sistema de sacrifício*
 - I. Três sacrifícios particulares motivados espontaneamente (1-3)
 - II. Sacrifícios exigidos para expiação (4-5)
 - III. Ordem administrativa (6-7)

- *Unidade tríade B: Todas as linhas de pericope díades*
 - IV. Inauguração do culto e consequências (8-10)
 - V. Leis dietéticas (11)
 - VI. Parto (12)
- *Unidade tríade C: Impurezas e purificação*
 - VII. Impureza da Doença da Balança (13,1-46)
 - VIII. Purificação (13,47-14,57)
 - IX. Flúidos genitais (15)
- *Unidade tríade D: Todas as linhas de perícopes tríades*
 - X. Dia do Purgatório (16)
 - XI. O abate e o consumo de carne (17)
 - XII. Práticas sexuais ilícitas (18)
- *Unidade focal*
 - XIII. Santidade (19)
- *Unidade tríade E: Todas as linhas de perícopes tríades*
 - XIV. Penalidades para adoração a Moloque, necromancia e ofensas sexuais (20)
 - XV. Instruções para os sacerdotes (21)
 - XVI. Objetos santificados (22,1-25)
- *Unidade tríade F: Todas as linhas de perícopes díades*
 - XVII. Nascimento de animais (22,26-33)
 - XVIII. O calendário de feriados (23)
 - XIX. Óleo e pão do Tabernáculo; o caso da blasfêmia (24)
- *Unidade tríade G: Redenção*
 - XX. Jubileu (25)
 - XXI. Bênçãos, maldições e a lembrança da aliança (26)
 - XXII. Consagrações e sua redenção (27)

De acordo com o autor, essa estrutura pode ser interpretada como uma representação analógica do Tabernáculo. A matriz interna é o Santo dos Santos, a matriz do meio é o Lugar Santo e a matriz externa é o pátio. Para o autor, a experiência de ler Levítico, de acordo com essa analogia, coloca o/a leitor/a em uma posição análoga à do sumo sacerdote no Dia da Expição. Como o sumo sacerdote, o/a leitor/a segue o caminho interno para a santidade no centro do livro. (Kline, 2006, p. 11).

Por sua vez, Mary Douglas tece a sua análise literária ao livro de Levítico a partir de uma perspectiva antropológica, tendo como paradigma o monte Sinai. Para a autora, o livro de Levítico explora o paralelo entre Monte Sinai e Tabernáculo, inclusive como locais da manifestação divina. Monte Sinai, no cume do monte, no Tabernáculo, no Santo dos Santos (Douglas, 2019, pp. 71-75).

Christopher Smith (1996, p. 20) discute a composição literária do livro de Levítico a partir de leis individuais, as quais são de tamanhos variáveis e tratam de diferentes assuntos. O livro de Levítico utiliza meios literários para demarcar esses agrupamentos por sua unidade temática, o que tem sido utilizado pelos/as

comentaristas para identificar os agrupamentos de leis em uma unidade estrutural maior. No entanto, o autor destaca que, além das leis, há observações que não são leis em si, como ocorre no capítulo 11, no qual se identifica os animais puros e impuros.

Assim, o autor defende que o livro é de um gênero híbrido, alternando entre leis e narrativas. Há três narrativas no livro, cada precedida e seguida por grupos de vários capítulos de leis, resultando em sete unidades principais. As narrativas (caps. 8-10; 16; e 24.10-23) fazem alusão umas às outras e servem como indicadores estruturais, indicadores para o desenvolvimento do pensamento das seções jurídicas. Elas tratam consecutivamente com sacrifícios (caps. 1-7), limpeza/purificação (caps. 11-15), santidade (17.1-24.9) e redenção (caps. 25-27) (Smith, 1996, pp. 22-32).

Conforme observado, há várias perspectivas para estabelecer uma estrutura para o livro de Levítico. Analisando o livro sincronicamente e a partir da temática apresentada pelas leis e narrativas, propomos a seguinte estrutura:

- I. Prescrições relativas ao sacrifício e ofertas (Lv 1-7);
- II. Leis relativas aos sacerdotes (Lv 8-10);
- III. Regras de pureza e impureza (Lv 11-16);
- IV. Código de Santidade (Lv 17-26);
- V. Leis diversas (Lv 27).

Em síntese, observar a estrutura literária de um livro é essencial para a discussão dos conteúdos que o compõem, uma vez que cada obra carrega uma organização interna que não apenas organiza suas ideias, mas também revela as intenções dos autores bíblicos e as nuances do significado a serem exploradas. Ainda que haja camadas redacionais, o texto sincrônico, aquele que se apresenta como um todo coeso, possui sua intenção de ser, tanto do ponto de vista literário quanto teológico. Assim, a estrutura literária não é apenas um suporte formal, mas também um veículo de significados, sendo imprescindível na interpretação adequada do texto, permitindo uma compreensão mais rica e aprofundada das suas diversas camadas de sentido.

Considerações finais

O livro de Levítico, discutido neste artigo como uma unidade literária integrante da Torá, apresenta uma série de prescrições cúlticas e legais, ditas a Moisés no Sinai. Analisar os aspectos literários do livro nos permite, não apenas organizar as leis, mas também compreender as intenções teológicas e ideológicas para a organização da redação final do texto. A inter-relação entre narrativa e legislação, bem como a predominância da voz divina e das fórmulas sacramentais, sublinham a legitimidade e a autoridade das normas apresentadas, não

como meras instruções sociais, mas como diretrizes sagradas, emanadas diretamente de YHWH, segundo o texto bíblico.

Deste modo, ao analisar a estrutura e os elementos retóricos presentes no texto, percebemos que levítico é uma obra que utiliza do discurso teológico e simbólico, fundamentado na pureza, santidade e obediência, para a regulação das pessoas no período do segundo templo. Compreender esta dinâmica é imprescindível para a discussão do livro de Levítico para a contemporaneidade para não fazermos leituras literalistas que subjugam corpos dissidentes.

Referências

- Damrosch, D. (1997). Levítico. En R. Alter & F. Kermode (Eds.), Guia literário da Bíblia (pp. [número de páginas]). Fundação Editora da Unesp.
- Douglas, M. (2019). Levítico como literatura. Edições Loyola.
- Jenni, E., & Westermann, C. (1985). Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento (Vol. 1). Ediciones Cristiandad.
- Kline, M. (2006). The literary structure of Leviticus. *The Biblical Historian*, 2(1), 11–28.
- Liverani, M. (2008). Para além da Bíblia: História antiga de Israel (O. S. Moreira, Trad.). Paulus e Edições Loyola.
- Moura, R. L. de. (2024). Moisés como sacerdote? Memória e tradição sacerdotal na construção das figuras de Moisés. *Kliné*.
- Müller, R. (2015). The sanctifying divine voice: Observations on the hwhy yna formula in the holiness code. En F. Landy, L. M. Trevaskis & B. D. Bibb (Eds.), *Text, time, and temple: Literary, historical and ritual studies in Leviticus* (pp. [número de páginas]). Sheffield Phoenix Press.
- Römer, T. (2016). Os papéis de Moisés no Pentateuco. En M. da S. Carneiro, M. Ottermann & T. J. A. de Figueiredo (Eds.), *Pentateuco: Da formação à recepção* (pp. [número de páginas]). Paulinas.
- Schmid, K. (2013). História da literatura do Antigo Testamento: Uma introdução. Edições Loyola.
- Smith, C. R. (1996). The literary structure of Leviticus. *Journal for the Study of the Old Testament*, 70, 17–32.

Sue'Hellen Monteiro de Matos